

UMA METODOLOGIA PARA O ESTUDO DO TEXTO LITERÁRIO

Marta Kirst

Myrtes M. Souto de Moura

Sônia M. de O. Lucas

INTRODUÇÃO

Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, fazendo parte do currículo de segundo grau, como disciplinas obrigatórias, constituem o elo de ligação entre todas as demais.

O trabalho literário que deve ser desenvolvido em sala de aula favorece a formação humanística do aluno, na era de intensa influência tecnológica em que ele vive.

Sentindo-se, pois, a necessidade de se estabelecer um certo equilíbrio entre a área científica e a área humanística do currículo optamos, neste trabalho, pela apresentação de uma metodologia do **estudo de texto** no que existe de essencial dentro dele: **o seu aspecto temático.**

O estudo de texto como instrumento de compreensão da cultura brasileira e sua manifestação, através de autores nacionais, deve ser objeto de intenso cuidado e renovação, para atingir sua verdadeira finalidade — **o desenvolvimento do humano.**

1. JUSTIFICATIVA

O trabalho de textos em sala de aula tem sofrido, através dos diversos métodos propostos e das exigências atuais do ensino, modificações significativas em sua abordagem.

As solicitações diferenciadas pelo contexto sócio-cultural do aluno e do professor impedem, muitas vezes, um **real trabalho de texto** que proporcione condições de desenvolvimento do pensamento do educando. Muitas seriam as falhas apontadas. Entre elas:

- falta de uma seqüência lógica na dinâmica do trabalho de textos nos vários currículos;
- inadequação quanto à escolha de textos, conforme inte-

resses e faixa etária dos alunos o que, como conseqüência, levará a uma má interpretação dos mesmos;

- pouco desenvolvimento de hábitos de linguagem que dificultam a compreensão das formas comuns de expressão;
- falta de atenção na fixação de conteúdos;
- dificuldade de estruturação de pensamento;
- imaginação não-cultivada;
- precário domínio de mecanização da leitura;
- experiências limitadas no campo da leitura;
- saturação de informações ocasionada pelos meios de comunicação de massa.

A partir destas constatações, justifica-se a elaboração do presente trabalho no sentido de, através da valorização e exploração temática do estudo de texto, proporcionar aos professores de Língua Portuguesa um material de referência para uma aplicação e/ou experimentação em sala de aula.

Com a metodologia proposta, de modo algum se pretende dar a palavra final sobre o estudo de texto em suas múltiplas abordagens.

II. OBJETIVOS GERAIS

— Apresentar uma fundamentação teórica como referência para o desenvolvimento do trabalho de texto dentro de um enfoque temático.

— Sugerir um método para o estudo de texto aplicável à sala de aula.

— Possibilitar a manifestação criativa do aluno, a partir da análise da estrutura textual.

III. REFERÊNCIAS TEÓRICAS

Considerando-se a importância do estudo de texto em sala de aula, torna-se necessário fazer-se referência à posição assumida por alguns autores selecionados para a fundamentação teórica do presente trabalho, quanto à noção de texto e sua análise. Desvincula-se da apresentação deste estudo toda a acepção de texto que não seja literário, tendo em vista os objetivos propostos.

Para Kristeva:

"(...) o 'texto' (poético, literário ou outro) escava na superfície da palavra uma vertical, onde se buscam os modelos desta 'significância' que a linguagem representativa e comunicativa não recita, nem mesmo se os marca." (1)

Para a autora, o texto se liga duplamente ao real: à língua (alterada e transformada) e à sociedade (em cuja transformação ele se harmoniza).

Ducrot e Todorov não situam a noção de texto no mesmo plano que o da frase:

"O texto pode coincidir com uma frase tal como um livro inteiro; define-se pela sua autonomia e seu fechamento (...); constitui um sistema que não deve ser identificado com o sistema lingüístico, mas deve ser considerado em relação a ele: relação ao mesmo tempo de contigüidade e de semelhança." (12).

Wolfgang Kayser considera o texto literário como "um conjunto estruturado de frases fixado por símbolos", o qual carrega em si um conjunto estruturado de significados. Está na própria essência da língua o fato de palavras e frases significarem alguma coisa". (3).

Em termos hjelmslevianos "o texto é um sistema conotativo, porque é segundo em relação a outro sistema de significação". (4). Na perspectiva literária proposta para este trabalho, o texto estrutura-se a partir de um eixo catalisador em sua expressão pluridimensional. O tema cumpre a sua parte funcionando como impulso, motivação e ativando a necessidade de criar.

A estrutura da obra literária vai além do aspecto temático, pois se pode falar igualmente de tema e processo como elementos articuladores do fenômeno da criação artística. Tomachevsky afirma que o "processo se organiza em torno de dois momentos importantes: a escolha do tema e sua elaboração". (5).

No momento em que o tema se integra equilibrando-se na tensão do acontecimento artístico, inserindo-se na própria criação, passa a ser um ponto catalisador do processo, o núcleo disciplinador da produção poética. O fazer literário se organiza ao redor deste centro concatenador, produzindo uma estrutura unificada que se identifica à escritura: o estilo.

Para Massaud Moisés "o 'tema' corresponde à idéia central ou predominante que se concretiza na ação, quando se trata de poesia". (6)

Em Ducrot e Todorov a noção de tema está ligada à Semântica. Para eles, o tema pode não se limitar ao texto, mas a todo o conjunto de uma obra literária.

Nelly Novaes Coelho denomina 'movimentos' as variações que convergem para o tema e constituem a realidade subjacente ou estrutura interna do texto literário. A partir deste enfoque, pro-

1. KRISTEVA J. *Introdução à Semiótica*. 1974. p. 10-11.
2. DUCROT O. e TODOROV T. *Dic. das C. da Linguagem*. p. 351. 1976.
3. KAYSER W. *Análise e Interpretação da obra literária*. p. 7, v. I. 1968.
4. DUCROT O. e TODOROV T. *Dic. das C. da Linguagem*. p. 351-1976.
5. TOMACHESVSKI, in PORTELA E. T. *da Comunicação Lit.* p. 26-1976.
6. MOISÉS M. A *criação literária*. p. 216-1969.

cura-se verificar de que modo foi usada a linguagem para criar a obra, o texto literário, quais as emoções possíveis e os recursos técnico-expressivos que serviram de pontos de referência para que o aluno chegue à compreensão da essência do tema, através da realidade perceptível fixada pelo autor, eixo esse ao redor do qual tudo se movimenta. A adequação entre os elementos lingüísticos trabalhados pelo autor e a realidade íntima que eles possam evocar estabelece um maior ou menor relacionamento entre o tema e a expressão dos demais componentes do texto literário.

Sáfady considera o tema o posicionamento de um autor face a um assunto que é objeto da criação artística. Segundo ele o tema é o próprio "cerne da obra literária" e somente através da análise pode-se descobri-lo.

De acordo com Costa Marques, a análise dos textos literários sintetiza todo o estudo anterior da "língua que lhe serve de instrumento", proporcionando a educação da sensibilidade intelectual e estética. Considera ele predominante o estudo do conteúdo sobre a forma, embora estes elementos sejam **indesligáveis**, interpenetrem-se e expliquem-se mutuamente. Apenas por razões metodológicas sua abordagem pode ser feita em separado. O autor chama a atenção para o fato de que nos textos em que a natureza do tema ou a deliberada procura de efeitos estilísticos tornam o pensamento impreciso e indistinto, somente a observação e análise da forma podem esclarecer o plano de composição do escritor e revelar o valor emotivo, pictural e estilístico do material apresentado, sem perder-se de vista a estrutura íntima e a intenção original do texto. O estudo da forma deve ser feito também como expressão indireta de um mundo próprio, de uma visão intuitiva e particular da vida, vivida e expressionamente objetivada numa obra, não apenas como puro sistema de razões. As conclusões resultantes deste estudo, conseqüentemente, serão de caráter estético e não lingüístico, devendo objetivar não só os processos de criação artística como a forma em que a mesma foi estruturada.

O valor literário de um texto é marcado pelas relações entre seus elementos intelectuais e emotivos e seus correspondentes meios de expressão.

Quando formamos juízos críticos sobre um texto literário, o importante é descobriremos as relações que existem entre seu conteúdo apreensível e a qualidade e valor estético das suas representações formais. Isso quer dizer que a análise literária envolve tanto o nível da expressão quanto o do conteúdo.

IV. METODOLOGIA

INTRODUÇÃO:

Partindo do ponto de vista de que o estudo de texto em sala de aula proporciona o desenvolvimento do gosto pela leitura

e conhecimento de nossas obras literárias, torna-se necessário que o professor, ao preparar esta atividade, leve em consideração os seguintes aspectos básicos que possibilitem ao aluno:

— o enriquecimento de seu mundo interior, de seus pensamentos e visão de vida, pela assimilação dos valores éticos, estéticos e estilísticos vinculados aos textos;

— o estímulo da curiosidade sadia e do trabalho criativo e em conseqüência o desenvolvimento do pensamento reflexivo;

— a descoberta de que o universo lingüístico é um elemento essencial à manifestação expressiva do universo humano;

— o aprimoramento de seu mundo verbal em decorrência dos estímulos oferecidos ao seu pensamento;

— uma redescoberta do significado do texto literário em sua unidade intrínseca, pois que "a arte se essencializa abrangendo a totalidade do homem", de acordo com Eduardo Portela.

CRITÉRIOS DE SELEÇÃO PARA ESCOLHA DE UM TEXTO LITERÁRIO:

O texto para o presente trabalho foi selecionado para aplicação ao primeiro ano do 2.º grau, a partir dos seguintes critérios:

1. — adequação à faixa etária (14 a 16 anos), considerando a adolescência uma fase de transição quando a realidade e a fantasia coexistem, numa relação de ambivalência;

2. — aplicação durante o final do quarto bimestre, tendo em vista a proximidade das festas natalinas;

3. — autor brasileiro contemporâneo e uso de vocabulário acessível;

4. — experiência de vida do aluno e o conteúdo do texto;

5. — texto em prosa por estar mais ligado à vivência literária do aluno;

6. — preferência pela crônica como forma literária por conter como características a brevidade e temas do cotidiano.

7. — Texto selecionado: **CARTA DE NATAL**

Carlos Heitor Cony (Rio de Janeiro, 1926)

Obra: In "Da arte de falar mal", 1963.

FASES DO MÉTODO:

I. Apresentação do texto

a. Etapa preparatória:

O preparo desta apresentação ficará a critério da habilidade do professor de acordo com a realidade de sua sala de aula, podendo o mesmo utilizar diversas técnicas. Entre elas sugerimos

as seguintes: discussão dialogada sobre as festas natalinas; apresentação de duas gravuras alusivas ao Natal: uma em que apareçam crianças, outra com adolescentes e/ou adultos (importância da figura humana), estabelecendo as diferenças e semelhanças entre ambas; audição de músicas natalinas, seguida de uma explosão de idéias sobre o Natal.

b. Entrega do texto:

O texto será distribuído logo após a etapa preparatória, observando-se a conveniência de uma boa apresentação do material a ser utilizado.

c. Leitura expressiva pelo professor:

Este momento é muito importante, pois o professor dará ênfase aos aspectos mais significativos do texto, usando entonação adequada a fim de despertar a sensibilidade do aluno.

II. Leitura do texto pelo aluno:

a. Leitura silenciosa:

A leitura do texto terá como objetivo primordial a compreensão do mesmo em sua totalidade, a partir do entendimento de todas as vocábulos e expressões que apresentarem dificuldades.

Nesta etapa torna-se conveniente o uso do dicionário para o esclarecimento de dúvidas que possam interferir no reconhecimento do sentido literal do texto.

Dentre as diversas acepções encontradas o aluno selecionará a que mais se adapte ao contexto em função da linguagem literária em seu aspecto conotativo. Nesta etapa o trabalho será realizado a dois níveis: **literal** e **literário**.

Como o trabalho de leitura já deve ter sido desenvolvido durante todo o ano escolar, nesta etapa o aluno estará capacitado a realizá-lo de diversas formas.

O professor poderá escolher técnicas de leitura expressiva já utilizadas em sala de aula para a realização desse trabalho conclusivo nesta área.

É o momento em que a "relação aluno-texto" se estabelece de uma forma íntima, acionando a sua sensibilidade.

Estratégias sugeridas: leitura individual, leitura em duplas, leitura em grupo e jogral.

III. O texto e a obra do autor:

Considerando-se a perspectiva embasadora do trabalho: desenvolvimento do gosto pela leitura e o conhecimento de nossas obras literárias e de seus autores, torna-se importante, neste mo-

mento, que se estabeleça a relação obra-autor-contexto-histórico-cultural na fase de iniciação literária em que se encontra o aluno. Não se pretende aqui maior aprofundamento no que tange ao conhecimento do autor e de sua obra, mas somente localizar o texto no conjunto da obra a que pertence e situá-lo como parte da expressão literária do momento atual.

"CARTA DE NATAL" — crônica de Carlos Heitor Cony encontra-se no livro: "Da arte de falar mal", edição de 1963. Estes dados mínimos serão fornecidos ao aluno para uma posterior busca de novas informações. Para isso deverá ser fornecida ao mesmo uma bibliografia adequada ao nível de escolaridade em que se encontra o que lhe facilitará uma movimentação mais segura em relação ao acesso a obras literárias.

IV. Foco temático:

A determinação da idéia central ou TEMA não pode ser vista como um processo de observação, simplesmente, mas exige, além de certo conhecimento semântico, sensibilidade para discernir, entre os elementos do texto, os que servem para estabelecer relações de significado formando um todo, uma organicidade de pensamento.

Para a determinação do tema é necessário um corte vertical no texto, o que se fará através de uma análise, partindo-se do "discurso" — nível de superfície — em busca da "significância" — nível de profundidade.

Sugerimos que a determinação do tema seja feita em três momentos distintos:

a. o aluno poderá fazer um resumo oral e/ou escrito, individual e/ou em grupo, o que lhe ajudará a perceber devidamente o foco central, numa etapa posterior.

Segundo Todorov, resumir é suprimir aquilo que é secundário e reter apenas o que é principal.

b. Após o resumo ("assunto" para alguns autores), uma primeira síntese do que o texto narra de forma mais extensa, chega-se à fase de determinação do tema propriamente dito.

A determinação exata do tema é essencial para o processo da análise do texto.

Esta etapa é bastante difícil, pois exige, muitas vezes, inúmeras leituras do texto a fim de se distinguir o acessório do principal e chegar-se ao que é realmente importante no texto — a identificação do foco temático.

Para que o aluno chegue a esta identificação lembrar-se-á ao mesmo a necessidade de usar, para a definição do tema, um **substantivo abstrato** acompanhado ou não de outros elementos. Este substantivo será a expressão sintetizadora da "significância", do inter-relacionamento autor (homem-texto) (obra) numa intenção primeira.

Estratégias sugeridas: discussão em pequenos grupos, GV-GO, grupos sucessivos.

A técnica escolhida permitirá a seleção de um elemento comum resultante das diversas expressões sugeridas.

Deve-se ter em mente, neste momento, as características fundamentais do tema: clareza e brevidade, pois que o uso de muitas palavras dificultará a penetração no "âmago do texto", de acordo com Carreter.

A expressão selecionada para definir o tema não deverá conter elementos supérfluos, somente os elementos fundamentais.

No caso do texto em estudo "Carta de Natal", o tema poderá ser definido através do seguinte enunciado: **"A impossibilidade de preservar a magia do Natal frente ao contexto desmitificador em que vive o homem moderno"**.

V. Determinação da estrutura:

Compor é estruturar, ou seja, "colocar as partes de um modo tal que possam constituir um conjunto". (7)

Como toda a estrutura, o texto literário pressupõe uma inter-relação vital e dinâmica entre seus elementos, tais como enredo, personagem, tom, estilo e demais peças componentes. Sua composição, como obra de arte que é, articula-se no conjunto dos segmentos que o integram como uma totalidade.

a. O texto e seus segmentos:

A divisão do texto será feita através de seus segmentos, isto é, cada uma das partes que constituem sua estrutura interna, ou seja, seus movimentos ou modulações variadas em torno do tema.

A determinação dos segmentos não é fácil, pois nem sempre eles poderão ser fixados de maneira clara, uma vez que as variações temáticas se diluem no próprio texto.

O tema, eixo catalisador, sempre estará presente em todos os segmentos, o que mantém a unidade interna do texto.

Reportando-nos ao texto em estudo, "Carta de Natal", convém lembrar que: — o texto não deve ser dividido em muitos segmentos a fim de que não seja destruída a unidade que o caracteriza; algumas vezes o texto apresenta uma certa desordem em sua estrutura dificultando a própria compreensão do mesmo. Todavia, numa análise mais profunda, constatar-se-á que esse caos aparente traz em si uma intencionalidade ligada ao aspecto temático.

Estratégias sugeridas: trabalho em pequenos grupos (um levantamento das idéias principais do texto e estabelecimento de

7. CARRETER, F. Lázaro e LARA C. Manual de Explicação de Textos. p. 33. 1963.

uma seqüência lógica); trabalho em grande grupo (apresentação e seleção dos segmentos mais significativos).

VI. Comprovação das variações temáticas através da forma:

Há uma relação intrínseca entre tema e forma, pois as variações da última atualizam o primeiro.

Na criação do texto o autor seleciona, no código lingüístico, as variações formais mais expressivas em função do tema.

A matéria-prima da Literatura é a palavra, mas há um emprego da palavra fora da Literatura.

A palavra literária não apresenta um significado fixo, pois se insere no plano conotativo da linguagem. O autor-produtor trabalha esta matéria-prima, tornando-a diferente da usada no plano denotativo da comunicação prosaica.

Recorde-se Jakobson e suas seis funções da linguagem. No momento em que a linguagem volta-se sobre si mesma surge a função poética.

É no uso poético da palavra que se manifesta o literário.

A forma solidificada através dos recursos lingüísticos manipulados pelo autor-criador na composição textual exterioriza os fios condutores do foco temático.

A fase analítica do estudo de texto, segundo Carreter, consiste em "justificar cada uma das variações formais do texto como uma exigência do tema". (8).

Considera-se as etapas anteriores da Metodologia como fases preparatórias da análise propriamente dita.

Comprova-se, então, a importância de uma correta determinação do tema, pressuposto básico para todo o desenvolvimento do trabalho com o texto.

Reportando-nos ao texto em estudo propomos, através dos movimentos do plano geral de sua composição, a seguinte divisão para o mesmo:

- 1.º segmento: **Reminiscências da magia do Natal**
(Parte introdutória até de tua mágica manhã)
- 2.º segmento: **Esforço para a preservação do mito natalino**
(Eu dava um duro desgraçado até também acreditei)
- 3.º segmento: **Constatação da fragilidade humana face à realidade geradora da desmitificação do Natal.**
(Hoje será tudo diferente até teu - cruelmente -).

A função poética ou expressiva que se realiza no texto, volta-se, como vimos, para o eixo temático. Entre as múltiplas abordagens possíveis exemplificaremos a variação temática a partir da apresentação dos segmentos enunciados anteriormente.

8. CARRETER, F. Lázaro e LARA C. Manual de Explicação de Textos. p. 29. 1963.

O trabalho de penetração em vertical no texto poderá ser realizado através dos diversos modelos existentes. Caberá ao professor a escolha mais adequada aos objetivos a que se propõe. Não se pretende, neste estudo, privilegiar nenhum modelo em especial.

Enfataremos alguns aspectos experienciados em sala de aula e que facilitaram o trabalho aplicado ao mesmo nível de escolaridade da população-alvo a que se destina este estudo.

Os segmentos básicos propostos para o texto, por serem bastante extensos, poderão ser subdivididos, sem que se perca a unidade intrínseca do próprio segmento, a fim de que o aluno não deixe de atentar para expressões significativas da forma textual.

Daremos agora, como exemplo, a exploração do primeiro segmento. Quanto aos demais, o professor poderá orientar-se pelo gráfico de referência que apresentaremos ao final desta etapa.

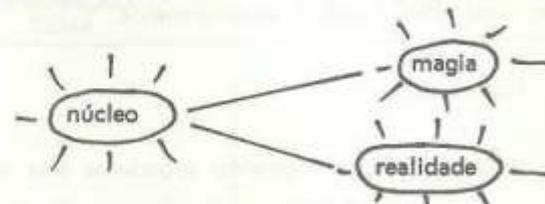
Partindo da dicotomia MAGIA-REALIDADE selecionaremos algumas variações formais que a ela se referem diretamente, como uma concretização do TEMA, através da forma:

LEVANTAMENTO DAS VARIAÇÕES FORMAIS SELECIONADAS NO TEXTO

MAGIA	REALIDADE
— mistério	
— encantamento de tua pele	— manhãzinha
— brilho dos teus olhos	— cambaleando de sono
— esperança	
— Árvore fecunda	
— brotara magicamente	— embrulhos e coisas
— rito complicado e íntimo	— véspera
— estela (do Primeiro Natal)	— mostrava
— Papai Noel (trenó e renas)	— brinquedos
— mito	— ia dormir
— Árvore florida de pacotes (...)	— eu velava (teu sono)
— dar água ao bom velhinho	— tua irmã
— ouvia a voz dele	— fazíamos força para
— sedento e cansado das chaminés e tetos do mundo	— manter (o mito)
— olhaste comovida e encantada ...	— pacotes e coisas
— mágica manhã (doce)	— realmente acreditavas em mim
.....	— relato
— teu Natal	— abrir a geladeira
.....	— outras casas
.....	— desculpa (adulto)
.....	— o copo com resto de

- vinho
- — o prato com ramagens de passas
- — brinquedos e presentes

Poderão ser adotadas gráficos tipo núcleo-irradiações ou outra forma criativa de expressão apresentada pelos próprios alunos.



O levantamento de variações formais foi feito conforme a ordem de aparecimento no texto, não havendo preocupação com uma classificação taxionômica em termos de classes gramaticais, morfológicas. Desta forma foram registrados verbos, advérbios, substantivos, adjetivos, expressões adjetivadas empregadas pelo autor em nível coloquial, tendo em vista a própria forma externa do texto por ele estabelecida.

Estes elementos selecionados no código lingüístico foram estruturadas, passo a passo, como se percebe, através das diversas realidades abordadas: realidade natural, realidade pessoal e realidade contextual, em contraposição à magia do mito natalino.

Após a apresentação a nível de paradigma, o professor poderá, ainda, solicitar aos alunos outras possíveis correlações das diversas formas de expressão, a partir dos dois núcleos propostos anteriormente.

Estratégia sugerida:



O texto, por pertencer à linha intimista, característica da Literatura atual, oferece "n" possibilidades de exploração. A própria forma epistolar facilita a visão das personagens numa comunhão de sentimentos através do diálogo direto: EU-TU, outra dicotomia que poderá ser estabelecida. Os segmentos já sugeridos para o texto, devido à sua extensão, poderão ser subdivididos a fim de facilitar a compreensão em maior profundidade dos mesmos, conforme dissemos anteriormente.

Por exemplo:

Para o primeiro segmento sugerimos esta subdivisão:

Parte A: **Parte introdutória da CARTA DE NATAL** (forma epistolar característica de crônica) — vocativo e as duas primeiras linhas.

Parte B: **Reminiscências** (Até o ano passado acreditavas em mim e em Papai Noel).

Parte C: **Primeiro Natal:** (Certo Natal chaminés e tetos do mundo).

Parte D: **Segundo Natal** (Em outro Natal tua mágica manhã).

A variações formais trabalhadas em sala de aula giraram, conforme constatamos, em torno do **eixo temático** através da relação magia-realidade.

Os alunos, através deste tipo de trabalho, serão capazes de relacionar TEMA — forma — significado.

QUADROS DE REFERÊNCIA:

I. ELEMENTOS BÁSICOS SUGERIDOS

RESUMO	DETERMINAÇÃO DO TEMA	ESTRUTURA
Ação   Texto	Foco temático: "Impossibilidade de preservar a magia do NATAL frente ao contexto desmitificador em que vive o homem moderno."	1.º Segmento:" "Reminiscências da magia do Natal." 2.º Segmento: "Esforço para preservação do mito natalino." 3.º Segmento: "Constatação da fragilidade humana face à realidade geradora da desmitificação do Natal."
CONCLUSÃO		

II. SEGMENTAÇÃO:

1.º Segmento: "Reminiscências da magia do Natal".		2.º Segmento: "Esforço para a preservação do mito natalino."		3.º Segmento: "Constatação da fragilidade humana face à realidade geradora de desmitificação do Natal".	
Parte introdutória		"Eu dava um duro (...) "		"Hoje será tudo (...)"	
<u>magia</u>	<u>realidade</u>	Realidade adulta	Inocência infantil	Realidade contextual	
				Desmitificação (...)	
Primeiro Natal					
Segundo Natal					

CONCLUSÃO

Através da Metodologia sugerida cremos ter atingido os objetivos propostos para o presente trabalho, em termos de:

- apresentação de fundamentos teóricos baseados no enfoque temático de análise textual;
- sugestão de um método de trabalho de texto aplicável à sala de aula, atendendo ao nível de segundo grau;
- possibilidade de manifestação criativa a partir da análise da estrutura textual.

Estes objetivos foram elaborados com base na constatação de que o trabalho com o texto literário favorece a formação da sensibilidade do aluno, um dos elementos imprescindíveis a uma educação completa.

O esforço interpretativo leva ao desenvolvimento do pensamento analítico, exigência fundamental para o aluno posicionar-se frente às necessidades da vida moderna, aspecto este que não deve ser esquecido. Não sirva, porém, o texto literário a outras intenções, mas seja ele unicamente objeto de estudo literário.

O fenômeno literário, expressando basicamente o humano, encontrará, por certo, no aluno, receptividade para a captação do sentido da Literatura em seu valor artístico. Torna-se, pois, indispensável o trabalho de texto em sala de aula, devendo o mesmo ser, a cada instante, repensado.

Cabe aqui uma palavra final de alerta ao professor, no sentido de uma constante renovação de método de trabalho, uma vez que a LITERATURA não é uma produção aleatória, mas tem um significado artístico que auxilia o aluno em seu desenvolvimento global.

BIBLIOGRAFIA

1. AIMARÁ, Maria N. M. *Análise Literário de Textos*. Libreria Huenul. B. Aires. 1969.
2. CARRETER, F. Lázaro e LARA, Cecília. *Manual de Explicação de Textos*. 2. Ed. S. Paulo. Edit. C. Univ. 1963.
3. CARVALHO, Irene M. *O Processo Didático*. F. G. V. Ed. F. G. Vargas R. J. 1976.
4. CASTAGNINO, Raúl H. *Análise Literária*. Ed. Mestre Jou. S. Paulo, Tradução de Luís A. Caruso.
5. COELHO, N. Novaes. *O Ensino da Literatura*. 4. Ed. R. J. Liv. José Olympio Ed. 1975.
6. DUCROT O. e TODOROV T. *Dicionário das Ciências da Linguagem*. 3. Ed. Lisboa. Publicações D. Quixote, 1976.
7. EL-JAIC, Jamil. *Roteiro de Português*. MEC, R. J., 1961
8. FERREIRA, Livia. *A convivência com os textos*. F. F. C. e Letras,

9. HOSS, Myriam da C. *Prática de Ensino da L. Portuguesa*. S. Paulo, McGrawHill do Brasil, 1977.
10. KAYSER, W. *Análise e interpretação da obra literária*. 4. Ed. Coimbra. Arménio Amado, Editor, Sucessor. v. I-II, 1968.
11. KRISTEVA, J. *Introdução à Semanálise*. Ed. Perspectiva. S. Paulo. 1974. (Coleção Debates-Semiótica).
12. MARQUES, F. Costa. *A Análise Literária*. 3 Ed. Coimbra. Livraria Almedina, 1972.
13. MATTOS, G. e BACK E. *Didática de Ensino da L. Portuguesa* S. P. Ed. Perspectiva (Coleção Debates), 1970.
14. MATTOS, Maria A. e equipe. *UFB — Textos de Autores Brasileiros*. 7. Ed. R. J. Ed. Dist. de Livros Escolares Ltda.
15. MOISÉS, Massaud. *A Criação Literária*. 2. Ed. S. P. Edit. Melhoramentos, 1969.
16. PORTELA, Eduardo. *Teoria da Comunicação Literária*. R. J. Ed. Tempo Brasileiro, Ltda. 1976.
17. SAFADY, Nalef. *Introdução à Análise de textos*. 2. Ed. R. J. Liv. Francisco Alves, 1965.
18. TODOROV, T. *As estruturas narrativas*. 2. Ed. S. Paulo. Ed. Perspectiva (Coleção Debates), 1970.

CARTA DE NATAL

Regina Celi:

Esse será o primeiro Natal que enfrentaremos, pródigos e lúcidos. Até o ano passado conseguimos manter o mistério — e eu amava o encantamento de tua pele e o brilho de teus olhos quando, manhazinha ainda, vinhas cambaleando de sono e esperança em busca da Árvore fecunda que durante a noite brotara magicamente embrulhos e colsas. Havia um rito complicado e íntimo que obedecíamos, juntos, e que começava na véspera, quando eu te mostrava a estrela donde Papai Noel viria, mais tarde, com seu trenó e suas renas, abarrotado de brinquedos e presentes.

Tu ias dormir, depois, e eu velava para que dormisses bem e profundamente. Tua irmã, embora menor, era mais recalcitrante, e creio que ela me embromava: na realidade, ela já devia pressentir que Papai Noel era um mito que nós fazíamos força para manter em nós mesmos. Ela não fazia força para isso, e desde que a Árvore amanhecesse florida de pacotes e colsas — tudo dava na mesma.

ALGUMAS OBRAS: O ventre, 1958; A verdade de cada dia, 1959; Informação ao Crucificado, 1960; Da arte de falar mal, 1963; Antes do verão, 1964.

CARLOS HEITOR CONY (Rio de Janeiro, 1926). Cursou Humanidades e Filosofia no seminário. Escreve crônicas e romances. Cronista, destaca-se por uma temática individual e domínio da língua. Sua obra é marcada pelo anticonvencionalismo e desejo de evasão lírica.

Contigo era diferente. Tu realmente acreditavas em mim e em Papai Noel. Certo Natal, chegaste a ouvir a voz dele, quando — segundo teu próprio relato — eu fui à copa e abri a geladeira para dar água ao bom velhinho, que ele veio sedento e cansado das chaminés e tetos do mundo. Em outro Natal, tu mesma viste o prato em que servi passas e um pouco de vinho ao mesmo velhinho — e tu perguntaste se Papai Noel não comia nada nas outras casas por onde passava. Eu dei uma desculpa qualquer e não fui modesto:

— É que Papai Noel gosta mais daqui.

E tu olhaste, comovida e encantada, o copo com resto do vinho, o prato com ramagens de passas. E quando pousei a mão em teus cabelos, senti que a presença de Papai Noel — mais que os brinquedos e, os presentes — era o melhor do teu Natal, o mais doce de tua mágica manhã.

Eu dava um duro desgraçado para conservar intacto o mito. Naquela Natal em que cismaste de ganhar um escorrega monstro que vim numa praça da cidade. Pois comprei um monstro igual, desmontado, e guardei na garagem. Depois que dormiste, lá fui eu armar aqueles ferros e degraus na sala. Empurrei o plano, quase furei o sofá, estofei as paredes, quebrei bolas coloridas da Árvore. Enquanto os outros faziam a ceia e riam e bebiam champanha, eu escalavrava os dedos apertando os parafusos. No dia seguinte teria de desmontar tudo outra vez, para o monstro poder sair de nossa sala. E teria de montar tudo outra vez, no quintal.

Acabei a montagem e já havia um clarão de manhã entrando pelas janelas. Estava suado, indormido, mas o negócio lá estava, como um dinossauro em nossa sala, para enfeitigar teus olhos e para fazer rolar teu traseirinho. Mas antes que alguém estresseasse o escorrega, eu mesmo o estreei, para ver se estava sólido — disse para mim mesmo, e para me justificar.

Estava sólido. Mas teu encanto foi muito mais sólido quando, pela manhã, perguntaste:

— E por onde entrou o escorrega?

Eu havia previsto tudo, menos isso. Disse que Papai Noel havia feito mágica na hora, com uma varinha igual à das fadas. E tu eras compreensiva e boa, tão boa que acreditaste tanto na história que eu quase também acreditei.

Hoje, será tudo diferente. Estiveste na escola e lá te corromperam. Disseram-te que Papai Noel era eu — e eu nem posso repetir a infâmia e o falso testemunho. De qualquer forma, pediste um acordeão e uma caneta — e fomos juntos, de mãos dadas, escolher o acordeão. Tirei uns acordes na loja, para ver se as escalas funcionavam, se os abafadores eram bons, os baixos afinados. O acordeão veio logo para casa, e hoje, quando o encontrares na Árvore, já saberás até o seu preço, o prazo de garantia, o nome do fabricante, a nota fiscal que foi para o talão-vale-um-milhão. Não será o mágico brinquedo de outros Natais.

Quanto à caneta, também a compramos juntos. Escolheste a cor e

o modelo, e tu mesma abasteceste de tinta, para "já estar pronta" no dia de Natal. Sim, a caneta estava pronta. Arrumamos juntos os presentes em volta da Árvore, e quando, sem teres mais nada que fazer, foste dormir, eu que dei sozinho e desesperado. E apanhei a caneta. Escrevi isto. Não sei, ainda, se deixarei esta carta junto com os demais brinquedos. Porque, minha Regininha, nisso tudo o mais roubado fui eu. Meu Natal acabou e é triste, e genie não poder mais dar água a beber a um velhinho cansado das chaminés e tetos do mundo.

Teu — cruelmente —

Pal